

As noções de identidade e sexualidade feminina na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott

“Dois faz um, então um faz dois”

(Reeves, 2019, p. 45)

Neste capítulo, a partir da apresentação geral da teoria do desenvolvimento emocional proposta por Winnicott e dos modelos de relação estabelecidos desde o início da vida entre bebê e ambiente, será apresentado como se dá a construção da identidade feminina, por meio dos elementos feminino e masculino puros descritos por Winnicott, e, na sequência, o assentamento da sexualidade feminina. Em relação à sexualidade, se evidenciarão as influências teóricas nas proposições de Winnicott advindas de: Freud e de sua tese da bissexualidade; Klein e do reconhecimento da vagina como fonte de excitação desde as fases pré-genitais do desenvolvimento. Adicionalmente, serão observados os desenvolvimentos próprios do autor, principalmente ao reconhecer que a sexualidade feminina não é redutível ao Complexo de Édipo e à inveja do pênis.

A visão geral da obra a partir dos principais comentadores

Para Caldwell e Robinson (2019), Winnicott é, junto a Melanie Klein e Anna Freud, uma figura de destaque na segunda geração de psicanalistas, seguidos por Sigmund Freud, Sandor Ferenczi e Karl Abraham, dada sua contribuição para diversos campos de pesquisa e a extensão de seus descobrimentos, iluminando ciências humanas e sociais.

Adicionalmente, apontam que seu estilo próprio o conduziu a desenvolvimentos teóricos e clínicos a respeito da subjetividade humana, fundamentados na dialética entre o âmbito interior e o exterior, entre o eu e o outro, impressos nas relações interpessoais.

As autoras apresentam a obra de Winnicott trazendo elementos biográficos, contextualizando o momento histórico da Psicanálise Britânica em que Winnicott iniciou seus estudos, seus escritos iniciais, suas ideias controversas e, finalmente, apresentando alguns conceitos norteadores da sua obra, como: o ambiente e o desenvolvimento infantil, os objetos transicionais, o psique-soma, seus direcionamentos clínicos e a questão da criatividade.

Abram (1996) desenvolveu uma compilação dos 22 principais termos e expressões presentes na linguagem winnicottiana, sem que haja um compromisso exaustivo de esgotá-los ou mesmo de agrupá-los cronologicamente ao longo do desenvolvimento emocional. Porém, posteriormente, Abram (2008) apresenta a obra de Winnicott cronologicamente, a partir de fases, mas agrupando-as de maneira a apresentar, em cada uma, as contribuições teóricas e clínicas para a Psicanálise e para a Pediatria, de forma a expandir o uso das ideias de Winnicott além dos limites da Psicanálise.

Spelman (2013a, 2013b) também apresenta a obra de Winnicott por meio das fases do desenvolvimento (dependência absoluta, relativa e rumo à independência), após contextualizar brevemente o pensamento de Winnicott no contexto psicanalítico (em relação a Freud e Klein), além de exemplificar suas descobertas em relação à obra por meio de observações de bebês.

Dias (2012) apresenta a obra de Winnicott tentando fornecer ao leitor uma compilação de conceitos a partir da linha do desenvolvimento emocional (a autora prefere a expressão teoria do amadurecimento), tendo, contudo, um interesse subjacente de institucionalizar o saber winnicottiano ao defender que as ideias de Winnicott representam uma mudança de paradigma na Psicanálise. Sua compreensão sobre a obra é apoiada também no trabalho teórico de Loparic (1995a, 1997a, 1998, 1999b, 2001b, 2005, 2011), que analisa Winnicott à luz das aproximações conceituais com a ontologia de Heidegger.

Fulgencio (2016, 2019), ainda que também enxergue as aproximações dos desenvolvimentos de Winnicott a algumas ideias presentes na fenomenologia de Husserl e na analítica existencial de Heidegger, se ocupou de apresentar Winnicott histórica e criticamente a partir do que denominou de Psicanálise do Ser.

Após apresentar os elementos convergentes entre o existencialismo moderno e o corpo teórico da teoria winnicottiana, introduz os conceitos a partir da experiência de ser, presente na natureza humana, e os localiza nos distintos estágios que perpassam o desenvolvimento emocional, do ponto de vista teórico e clínico, fornecendo, ao final e de maneira complementar, um sumário com verbetes presentes no vocabulário winnicottiano.

O processo de construção da identidade: o perfume característico do bulbo que desabrocha¹

Analisar os elementos que compõem a base da identidade² é verificar as bases de um jardim que precisa ser cuidado para que frutos possam emergir. Assim como nos lembrou Carlos Drummond de Andrade de que: “Onde não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas

1 A intenção é apenas apresentar a linha do desenvolvimento emocional com foco na constituição da identidade de maneira panorâmica, para que, nos próximos capítulos, seja possível localizar a identidade feminina nessa perspectiva. Não há a intenção de obter um entendimento profundo de cada estágio.

2 A noção de identidade na obra de Winnicott também foi analisada nos capítulos 5 e 6 deste trabalho.

improváveis”, Winnicott também fez sua versão poética, ao nos lembrar de como um jacinto pode se desenvolver ao ser plantado em um vaso:

Tentando encontrar uma analogia, vi um bulbo de jacinto a ser plantado em uma tigela. Pensei: há um odor maravilhoso trancado naquele bulbo, embora soubesse, naturalmente, não existir um lugar no bulbo em que o odor se ache trancado. A dissecação do bulbo não proporcionaria, a quem a fizesse, a experiência de uma fragrância de jacinto, se o lugar apropriado estivesse por ser alcançado. Apesar disso, existe no bulbo um potencial que acabará se tornando um perfume característico, quando a flor se abrir. Isto não passa de uma analogia, mas poderia transmitir um retrato do que estou tentando enunciar. (Winnicott, 1989vk, p. 127)

A ideia de um bulbo de jacinto que precisa desabrochar no seu tempo é a tônica do desenvolvimento emocional primitivo e do sentimento de sentir-se real por recursos próprios. A capacidade de esperar pelo perfume se concentra, inicialmente, no expediente da pessoa que cuida do bebê, que não poderia solucionar essa questão olfativa antecipando a ordem dos fenômenos. Paulatinamente, o perfume característico do jacinto vai sendo impresso nas relações com o mundo, em que a construção da identidade é o próprio movimento de desabrochar, propiciando uma experiência olfativa singular.

Para entender esse processo na obra de Winnicott, serão adotados os livros de Fulgencio (2020, 2016). Nesses trabalhos, entre outros temas, o autor se ocupou de entender todas as modalidades de relação ou os modos de ser, presentes ao longo da vida, mesmo desde o período gestacional, até a idade adulta. No entendimento do autor, essas modalidades de relação permeiam o desenvolvimento emocional de todos os indivíduos, contribuindo para a experiência de *ser e continuar sendo*.

Fase da Dependência Absoluta³ (da origem até aproximadamente o quarto mês)

Para efeitos didáticos, esta fase será compreendida diferenciando-se os eventos anteriores e posteriores ao nascimento.

Vida Intrauterina: a experiência de continuidade de ser não relacional (“sou”)

Segundo o que propõe Winnicott sobre a concepção da vida e das primeiras relações humanas, já no contexto intrauterino há uma série de experiências vividas pelo bebê em que a possibilidade de ser já é possível. Esse ser incipiente é com a-mãe-biológica – nesse momento, dentro do útero, o bebê e sua mãe biológica pertencem a um mesmo contorno somático e psíquico em que, por meio do cordão umbilical e de outras ligações vivenciais, tem-se a união de dois corpos que formam um único composto. Nesse princípio arcaico, Winnicott propõe que o soma e a psique sejam uma única entidade, estando entrelaçados e fundidos, fornecendo as primeiras experiências de ser (Dias, 2015).

Esses momentos de ser criam certa estocagem de experiências advindas de memórias corporais. Essas experiências podem ser entendidas como eventos que ocorrem no interior do útero, provenientes de certos impulsos vindos do próprio bebê, ao chutar espontaneamente a parede intrauterina, ou mesmo sensações experimentadas por ações advindas do ambiente, como um estado de ansiedade da mãe, por exemplo. Dessa forma, no momento do nascimento, já existe um ser humano em potencial no útero.

Quando o nascimento é uma experiência satisfatória, o bebê pode experimentar sua primeira grande conquista que é participar do seu próprio ato inaugural no mundo e suportar a primeira tarefa que lhe é imposta, que é a da respiração. Isso porque, segundo Winnicott, “do ponto de vista do bebê,

3 Para um entendimento aprofundado sobre os efeitos psicopatológicos de falhas nesta etapa do desenvolvimento, consultar Dias (2018).

foi seu próprio impulso que produziu as mudanças e a progressão física, em geral começando pela cabeça, em direção a uma nova e desconhecida posição” (Winnicott, 1988, p. 166).

Pode-se pensar que, em contrapartida, um nascimento não satisfatório poderia ser aquele que ocorre fora do tempo existencial do bebê, ou seja, prematuramente ou tardiamente, podendo também ser decorrente de quaisquer outras ocorrências que interrompam o fluxo natural da vida intrauterina em curso, que já possui características próprias.

Após o nascimento: modelo de relação subjetiva (“sou”, experiência identitária)

Com a irrupção do nascimento, a fundição arcaica mãe-bebê é rompida de forma que existem agora dois corpos, o da mãe e do bebê, separados perceptivelmente aos olhos do observador. O bebê, que antes tinha todo o seu funcionamento somático e psíquico apoiado e fundido ao da mãe, terá que integrar esses dois sistemas, que não são mais suportados literalmente pelo organismo vivo da mãe e terão que encontrar uma maneira particular de continuar vivendo.

Há nesse momento uma série de elementos em jogo. Winnicott aponta para quatro vertentes que alicerçam o desenvolvimento emocional e que serão os fundamentos motores da natureza humana: a experiência de continuar a ser, que é o aspecto ontológico⁴; a tendência inata à integração, que é a base da formação do ego; o impulso amoroso primitivo, ou seja, ações da motricidade que impulsionam a experiência e imprimem vitalidade à existência; e a elaboração imaginativa dos acontecimentos existenciais, que fundará a vivência psicossomática.

4 Aqui o foco não é discutir os aspectos ontológicos abordados pela Filosofia, que nos obrigaria a tratar a questão do ser de maneira ampla, mas elucidar de maneira particular a experiência de ser, conforme tese central defendida por Fulgencio (2020).

Essas vertentes se apoiam no modo de se relacionar estabelecido entre o bebê e o ambiente, impactando diretamente a maneira como esses fundamentos influenciam o desenvolvimento emocional.

Inicialmente, após o nascimento, Winnicott observou que o bebê tem a necessidade de depender integralmente de uma cuidadora ou cuidador (por isso, dependência absoluta). Nesse estágio, ambiente e bebê formam um amálgama de forma que os cuidados iniciais denominados de suficientemente bons são o ambiente primordial e determinante para a continuidade de ser do bebê.

Pode ser muito útil postular que o meio ambiente satisfatório começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. Geralmente a mãe é capaz de provê-lo, por causa do estado especial em que ela se encontra, o qual denominei “preocupação materna primária”. Apesar de existirem outros nomes para esse estado, estou descrevendo-o em meus próprios termos. (Winnicott, 1986b, p.18)

Por meio da preocupação materna primária, o ambiente suficientemente bom fornece os cuidados que o bebê necessita e se funde às suas necessidades de tal forma que, para o bebê, toda experiência é vivida como se fosse dele mesmo, apesar de não haver ainda, nesse momento, a percepção clara do que seja ele e do que seja sua mãe. Winnicott aponta para a existência de um paradoxo em que, aos olhos de um observador, existe um bebê, mas do ponto de vista do bebê, ele não existe, pois dependerá ainda por alguns meses desse modo de relação subjetiva com sua mãe para poder conquistar a possibilidade de reunir-se em uma unidade de sujeito psicológico.

A cuidadora ou cuidador que se identifica com o seu bebê e fornece o que ele necessita permite que ele tenha a experiência de sentir que se alimenta de si mesmo, ou seja, que o seio que se apresenta no momento da fome ou o colo que permanece até que o sono chegue sejam produzidos por ele mesmo, em uma espécie de experiência alucinatória que Winnicott chamará de ilusão de onipotência.

Mães que não puderam se identificar com seus bebês, e que de alguma maneira falharam inicialmente nessa tarefa, não puderam introduzir a possibilidade de ser e continuar sendo como alicerce do *self*, acarretando no bebê complicações existenciais primitivas em que a vida não é vivida a partir de si mesmo, mas a partir de pressões externas⁵.

Quando há a possibilidade de viver uma série de experiências alucinatórias de criação dos objetos que fornecem o que o bebê necessita, as experiências de ser se intensificam e, a cada ocorrência, tem-se o reconhecimento de existir um *self* verdadeiro, ou seja, uma inscrição pessoal, um traço particular que caracteriza a forma como cada bebê, por meio das relações subjetivas com sua mãe, tem vivido sua existência.

Segundo Masud Khan, Winnicott, ao elucidar as diferenças entre as necessidades do ego e as necessidades instintuais, delimita o cenário em que o bebê apreende as pressões que devem ser sentidas como vindas dele mesmo, nessa fase de dependência absoluta, de forma que não há maturidade ainda para direcioná-las para um objeto da pulsão, percebido objetivamente.

Deve-se enfatizar que, ao referir-me ao atendimento das necessidades do bebê, não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando, os instintos ainda não estão claramente definidos como internos ao bebê. Os instintos podem ser tão externos quanto o estrondo de um trovão ou um golpe. O ego do bebê está ganhando força e, em conseqüência, está chegando a um estado em que as demandas do id serão sentidas como parte de si mesmo, e não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um fortalecedor muito importante do ego ou do Verdadeiro Self; mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incluí-las e ainda não é capaz de conter os riscos envolvidos e as

5 Ainda neste capítulo a questão da falha ambiental (e não materna) será abordada com mais detalhes. A ideia de que a mãe é a única responsável pelos cuidados de uma criança é um protótipo que vem sendo muito discutido, dadas as condições sociais atuais que acarretam em arranjos parentais que fogem da lógica tradicional conservadora, presa ainda em ideias vitorianas, conforme explicitado no capítulo 1 deste trabalho.

frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torna um fato. (Winnicott, 1965m citado por Khan, 1975)⁶

Lejarraga (2015) nos lembra ainda que as experiências de mutualidade entre o cuidador principal e o bebê e a sexualidade infantil não são simétricas e apontar para a importância das experiências do ego antes das do id não é ameaçar a sexualidade, mas sim enriquecê-la.

Fase da Dependência Relativa (do quarto mês até aproximadamente 18 meses): modelo de relação transicional (“sou com” e “sou diferente de”)

Em contrapartida, à medida que o bebê e sua mãe já estão mais adaptados ao ritmo próprio da relação, a mãe começa a distanciar-se paulatinamente, de modo que o bebê pode já sustentar suas ausências momentâneas por meio de recursos mentais e lidar com a *desilusão*. Pode, assim, associar percepções do ambiente a ocorrências iminentes, identificando cheiros, ruídos, luminosidade e o que cada nuance dessas variáveis acarretam na relação que estabelece com sua mãe, dando um caráter de previsibilidade que será a base da relação de confiança que estão estabelecendo. Dessa forma, o bebê também pode gradualmente ir adaptando-se à sua mãe, sem perder a experiência de ser ele mesmo. Porém, quando se submete em demasia às adaptações graduais, desenvolve um falso *self*.

6 It must be emphasized that in referring to the meeting of infant needs I am not referring to the satisfaction of instincts. In the area that I am examining the instincts are not yet clearly defined as internal to the infant. The instincts can be as much external as can a clap of thunder or a hit. The infant's ego is building up strength and in consequence is getting towards a state in which id-demands will be felt as part of the self, and not as environmental. When this development occurs, then id-satisfaction becomes a very important strengthener of the ego, or of the True Self; but id-excitements can be traumatic when the ego is not yet able to include them, and not yet able to contain the risks involved and the frustrations experienced up to the point when id-satisfaction becomes a fact.

Para Winnicott, uma das funções do falso *self* é proteger o verdadeiro *self* e fazê-lo começar a existir nas relações com o mundo. À medida que o bebê começa a se individualizar como pessoa, separando-se de sua mãe de maneira gradual, o falso *self* auxilia neste processo de mediação EU versus NÃO-EU, garantindo certa adaptação do bebê ao que é externo, sem perder totalmente sua individualidade ou capacidade de ser ele mesmo e de sentir-se real. Quando essa transição não ocorre de maneira satisfatória, há a formação de um falso *self* patológico que age de maneira defensiva e submetida ao ambiente, atuando de maneira cindida e não integrada ao *self* total, o próprio eu. Nesses casos, o falso *self* sustenta uma vivência precária do existir, utilizando-se dos recursos mentais como única forma de captar o que vem do ambiente; ou seja, a única possibilidade de existir é encobrir uma não existência.

Todas as experiências vividas pelo bebê são integradas, tanto aquelas advindas de estados tranquilos quanto de estados excitados, de forma que o ego do bebê possa se fortalecer a cada nova experiência.

O impulso amoroso primitivo, que, inicialmente, dá o contorno da motricidade e de todos os impulsos corporais do bebê em relação à mãe, começa a paulatinamente ampliar a qualidade das experiências de ser em relação ao mundo, indicando a forma como a vitalidade estará presente nas relações interpessoais.

Todos os acontecimentos existenciais precisam ser elaborados pelo bebê para que as vivências possam ter um sentido psicossomático. Dessa forma, quando o tempo e o espaço corpóreos são atendidos, o primeiro, instigado pelas necessidades instintuais, e o segundo, pelos braços da mãe que sustentam o bebê e que incutem em certa medida uma borda para a experiência do existir, a continuidade do ser só é possível se existir uma *elaboração imaginativa* do que está sendo sentido pelo corpo. Isso porque, apesar do corpo ser instigado pelas necessidades instintuais (fome, sede, dor etc.), a satisfação dos instintos não é a totalidade da experiência.

Estando todas as engrenagens funcionando com o elemento feminino puro primordial em curso, e todos os fundamentos motores que engendram a existência seguindo seu ritmo próprio, o bebê passa a depender menos de sua mãe, atingindo o estágio de dependência relativa.

Nesse estágio, por meio do início da utilização dos recursos mentais, já é possível para o bebê suportar de forma não traumática o não atendimento absoluto de suas necessidades, passando a estabelecer um modo de relação não mais inteiramente subjetivo, mas *transicional*, que, apesar de ainda apoiar-se na relação com a mãe, é uma relação de “sou com” entre o subjetivo e o objetivo. Nesse momento, é comum o bebê eleger um objeto real, do mundo externo, um ursinho, um paninho ou qualquer outro de sua preferência, para depositar esses aspectos transicionais (subjetivos e objetivos) de forma que esse objeto possa representar partes suas e da mãe, sendo a realidade do “sou com”. *O objeto transicional pode ser usado, destruído e amado*, com a qualidade de estar sempre presente.

A mãe não é ainda, portanto, um objeto externo ao bebê, que precisa usar o objeto transicional para exercitar idas e vindas até finalmente suportar sua existência real. Esse jogo propicia a noção de diferenciação, de modo que, além de “ser com”, é possível “ser diferente de”, sendo estabelecida, assim, a capacidade de brincar e as bases da simbolização.

Fase da Independência Relativa Infantil: modo de relação interpessoal na Fase Edípica e na Latência (“Eu sou” e “Eu sou X”)⁷

Após esse período transicional em que elementos do eu são depositados no mundo externo, ao mesmo tempo em que permanecem fundidos a elementos da mãe e vice-versa, a continuidade de ser passa a ampliar-se de forma que o jogo EU versus NÃO-EU é amortecido, até o momento no qual é possível para o bebê viver experiências por meio da unidade do sujeito psicológico.

7 Nesta seção, não serão descritas as consequências em termos das diferenças sexuais atingidas na fase fálica, em que o estatuto ter ou não o falo, o elemento simbólico de poder proposto por Freud, leva a angústias ligadas à castração. Ainda que Winnicott tenha incorporado esses elementos em sua descrição do processo de desenvolvimento emocional, esta seção destina-se ao entendimento da base identitária. Nos capítulos 4 e 5 esses elementos serão descritos e localizados na obra de Winnicott para que se possa compreender de maneira ampla o que está em jogo no conceito de “ser mulher”.

Nesse ponto, é possível dizer EU SOU⁸ e perceber a existência real da mãe como um objeto objetivamente percebido.

A partir desta possibilidade de diferenciar-se do outro, torna-se possível viver por meio de relações de objeto⁹, ou seja, relações interpessoais que consideram uma dialética real entre o EU e o OUTRO e que passam a compor amplas possibilidades de estar-no-mundo, podendo transitar entre relações subjetivas, transicionais e objetivas, estabelecendo agora uma relação de independência relativa (Fulgencio, 2020).

É importante notar que a noção de OUTRO é uma emancipação do NÃO-EU, à medida que personifica e determina que as relações de objeto serão possíveis agora – o outro não é a negação do eu com características difusas, mas possui aspectos próprios que o diferenciam.

O estabelecimento do EU expulsa a mãe para o campo da objetividade do bebê e dá espaço para que o pai apareça. Nesse mesmo momento, a mãe também pode expulsar o pai e reencontrá-lo como seu parceiro, que permanecia de modo suspenso em seu inconsciente nessa posição, para que ela pudesse se ocupar dos cuidados do bebê. Há, portanto, uma fase *dual*, entre bebê e mãe (relação de dois corpos) e, na sequência, entre bebê, mãe e pai, (relação a três corpos).

Na etapa dual, quando a mãe se apresenta como totalmente diferente do bebê, entra em jogo a integração das forças instintuais, agora vividas como aspectos internos, uma vez que há uma unidade de sujeito psicológico. Há também a possibilidade de relacionar-se com aspectos bons e maus dos objetos, bem como suportar a possibilidade de responsabilizar-se por impulsos amorosos e destrutivos de maneira ambivalente. Forma-se, assim, o *ciclo benigno*, uma cadeia de experiências de destruição e reparação (fase do concernimento

8 Entendemos que a sentença EU SOU não indica a aquisição rígida de uma conquista e que ela é um fim em si mesma. EU SOU, na visão de Winnicott seria a primeira noção “mais consciente” de um si-mesmo organizado em um contorno psicossomático. Ao longo do tempo, a sentença EU SOU é complementada e influenciada pelas experiências e pelo acontecer humano, que não aponta para um produto final.

9 Entenda-se que a expressão relações de objeto está sendo entendida como as relações com o objeto objetivamente percebido.

ou *concern*, segundo Winnicott) que fortalecem as relações de objeto e o sentimento de sentir-se uma pessoa inteira – *whole person* (Fulgencio, 2020).

Na etapa triangular ou edípica, há um incremento nas relações interpessoais, com a possibilidade de projeções, introjeções e identificações. O bebê que antes criava o seio por um processo alucinatório porque tinha a necessidade de se alimentar de algo que vinha de fora dele (mas que ele não sabia), agora já criança, pode perceber objetivamente se é menino ou menina por meio de diferenças anatômicas concretas e sentir o peso dessa diferença em relação às fantasias e aos desejos inconscientes que essas mesmas diferenças representam na vida real, de modo que as relações saem da dinâmica da necessidade para a dinâmica do desejo e “. . . um romance familiar é encenado” (Fulgencio, 2020).

Segundo Fulgencio,

Chegamos, então, ao ponto em que Freud chegou, reconhecendo a sexualidade infantil ao tratar de seus pacientes neuróticos, para os quais a sexualidade e o Complexo de Édipo são um dos aspectos centrais da existência. Entretanto, considerando uma diversidade de outros acontecimentos e fatos da existência díspares daquelas consideradas por Freud, Winnicott reescreve a teoria do Complexo de Édipo, e da sexualidade em bases diferentes das físico-energéticas usadas pela metapsicologia freudiana. (Fulgencio, 2020, p. 136)

Após a etapa edípica, no final da primeira infância, tem-se o período de latência e atenuação das pressões instintuais, para que, posteriormente, na etapa genital, a potência sexual possa ser retomada. Abre-se espaço para o incremento das relações transicionais, de forma que há maior investimento, por parte da criança, de práticas grupais de esportes, atividades recreativas e artísticas e novas possibilidades de compartilhar o mundo, formando as bases da vida cultural e do brincar.

Fase da Independência Relativa Adulta: modo de relação interpessoal na Adolescência e na Vida Adulta (“Eu sou” e “Eu sou X”)

Na adolescência, junto com os desenvolvimentos da puberdade (aspectos biológicos), há uma sofisticação das pressões instintuais e motoras com ênfase na potência sexual. Nessa fase, há uma retomada da primeira infância e de seus fundamentos, acompanhada de problemas ou conflitos entre ser e fazer, ou seja, questões apoiadas nos elementos feminino e masculino puros¹⁰. A força física torna-se uma realidade e dá “a possibilidade de machucar e até mesmo matar o outro, e a potência para copular e gerar” (Fulgencio, 2020, p. 138). Essa caixa de ferramentas a serviço do adolescente faz com que as experiências adquiridas nessa fase indiquem como o adolescente poderá usá-la a seu favor, de forma a criar (e encontrar) um lugar no mundo para si mesmo – o adolescente precisa ser alguém em algum lugar (Fulgencio, 2020).

As experiências tornam-se mais ricas e é possível fazer identificação cruzada, ou seja, um modo de se relacionar empático – eu me coloco no lugar do outro. A identificação cruzada é a base para as relações grupais – segundo Fulgencio (2020), os grupos funcionam como *blocos identitários*. Nesse contexto, na saúde, o indivíduo é capaz de pertencer a grupos cada vez mais amplos, sem perder o senso de si mesmo. A vida social e cultural torna-se o palco para as atuações no mundo (já incrementadas na latência), o interjogo entre o eu e o outro, resgatados das bases da experiência transicional, que acompanha o indivíduo desde a Fase de Dependência Relativa até o final de sua vida.

Na vida adulta, com o acréscimo de sentido em cada fase descrita na linha de desenvolvimento emocional de Winnicott, espera-se que a experiência de ser e continuar sendo tenha possibilitado atribuir valor à vida, aceitando seus conflitos e fracassos, bem como as conquistas.

10 Esse tema será tratado de maneira mais detalhada no item “O elemento feminino puro e o elemento masculino puro: a base identitária para a integração posterior da sexualidade” deste capítulo.

A vida de um indivíduo não se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações do que por seus aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher se sintam vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso. Pode-se dizer, em suma, que o indivíduo saiu da dependência para entrar na independência ou autonomia. (Winnicott, 1971f, p. 22)

Há também o reconhecimento do pertencimento ao tecido social, um mundo que já existia antes do indivíduo adulto, que precisa ser aceito; não no sentido de submeter-se, mas na capacidade de contribuir com ele, agir no mundo e lutar por suas próprias convicções, em diálogo com o que já existe nele.

Na velhice e na morte, há uma diminuição do ritmo da vida, em termos de conflitos e atuações, de forma que se pode agora, depois de ser, retomar os aspectos do não-ser, em uma re colocação com a dependência relativa experimentada anteriormente.

Segundo Fulgencio (2020),

Envelhecer é retornar na linha do desenvolvimento dos modos de ser-no-mundo; o indivíduo cresce para reencontrar o seu início no não-ser, regressando, em maior ou menor grau, ao estado de dependência em relação ao ambiente, mas integrando, na saúde, sua personalidade total a sua finitude. Winnicott explicita: “Há muito crescimento que é crescimento para baixo. Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamada de portas da morte”. (Winnicott, 1984g, p. 249, citado por Fulgencio, 2020, p. 146)

O elemento feminino puro e o elemento masculino puro: a base¹¹ identitária para a integração posterior da sexualidade

Segundo o que foi apresentado até aqui, as diferentes modalidades de relação ou modos de ser no mundo delinham o processo de desenvolvimento emocional proposto por Fulgencio (2016, 2020), a partir de sua leitura particular sobre a obra de Winnicott.

Nessa jornada, há outros elementos de destaque, que permeiam as relações subjetivas, transicionais e objetais, que foram descritos por Winnicott como *elemento feminino puro e elemento masculino puro*¹².

Esses elementos, descritos dessa forma, foram de constante revisão e adição de desenvolvimentos teórico-clínicos realizados pelo autor entre 1959 e 1969. Sendo a última publicação próxima à morte de Winnicott, pode-se dizer que apresentou desenvolvimentos ainda em construção e de um debate incipiente no campo psicanalítico do qual fazia parte¹³.

Antes de conceituar os elementos feminino puro e masculino puro e localizá-los no corpo teórico desenvolvido pelo autor, é importante mencionar o desconforto que eles podem causar pela semântica utilizada. A utilização

11 A ideia de “base” não é para determinar uma estrutura rígida e fixamente determinada, mas para evidenciar elementos que são colocados nas relações iniciais de amálgama ambiente-bebê e que permanecem em comunicação ao longo do desenvolvimento, influenciando os modos de ser-estar de cada pessoa no mundo.

12 Neste momento do trabalho, será oferecida uma visão ampla sobre o assunto para, no capítulo seguinte, a noção de elemento feminino puro e elemento masculino puro será analisada de forma histórico-crítica, juntamente com outros verbetes que perpassam a obra de Winnicott, cujo tema central recai sobre o entendimento da identidade feminina.

13 Segundo editores do livro *Explorações Psicanalíticas (Winnicott, 1989a)*, Winnicott, em 1966, submeteu um artigo para o *Encontro Científico da Sociedade de Psicanálise Britânica* intitulado “A Cisão dos Elementos Masculinos e Femininos encontrados clinicamente em Homens e Mulheres: Inferências Teóricas”. Esse artigo foi incluído posteriormente no livro *O Brincar e a Realidade (1971a)*, sendo que há trechos desse texto que foram escritos em 1959 e 1963. Há também desenvolvimentos no texto que foram feitos em virtude de comentários de Margaret Mead, Masud Khan, Richard Sterba, Herbert Rosenfeld e Decio Soares de Souza, adicionados e apresentados no *Fórum Psicanalítico (1972)*, embora já escritos em 1968-1969.

da palavra puro como uma qualidade dos elementos, bem como a atribuição ao feminino e ao masculino, podem levar ao entendimento de um “essencialismo” radical e estrutural em relação às diferenças sexuais, de forma a concluirmos que há um purismo inato em ser mulher ou ser homem, indo na contramão de todas as discussões atuais relacionadas à identidade de gênero.

Portanto, para avançarmos no sentido dos conceitos e atenuar seus problemas semânticos, é preciso recorrer a algumas definições para abrir o campo e cotejar possíveis significados de “puro”.

Segundo o que propõe Kant (1781) na crítica da razão pura, o termo “pura” se refere às questões metafísicas que a razão supostamente teria de resolver *a priori*, a partir de si mesma. Mas, para Kant, a razão só pode agir segundo limites bem definidos; assim, se for pura, a razão se perde. Precisa ser guiada pela experiência.

Por uma crítica assim, não entendo uma crítica de livros e de sistemas, mas da faculdade da razão em geral, com respeito a todos os conhecimentos a que pode aspirar, independentemente de toda a experiência; portanto, a solução do problema da possibilidade ou impossibilidade de uma metafísica em geral e a determinação tanto das suas fontes como da sua extensão e limites; tudo isso, contudo, a partir de princípios. (Kant, 1781, A XI)

Assim, Kant busca demonstrar que os conhecimentos puros só podem ser aplicados ao campo da matemática ou da física, e que os outros campos, como a religião, a ética e a estética, por exemplo, precisam de uma “razão prática” e não pura.

Portanto, tomando como base essa definição, os elementos descritos por Winnicott como sendo feminino puro e masculino puro são os fatores *a priori* que forneceriam a constituição *a posteriori* da identidade. Esses elementos, por eles mesmos, não fazem sentido se não estiverem apoiados na experiência com um ambiente real. E na teoria de Winnicott funcionariam como princípios:

A base para este comentário adicional foi a separação de toda a ideia de meninos e meninas e de homens e mulheres da ideia de dois princípios básicos, aqueles que chamo de elementos masculinos e femininos. Suponho que seja aqui que estou causando confusão, mas não posso me retirar neste estágio da discussão, e prefiro permitir que este estágio intermediário permaneça. O que eu quero fazer é explorar mais. Eu quero esclarecer todas as sofisticções por trás das identificações cruzadas, e até mesmo das expectativas cruzadas (onde um bebê ou criança pode somente contribuir com os pais em termos de sexo diferente do biológico), e eu quero ir onde eu possa me encontrar estabelecido e influenciado ao mesmo tempo. Eu quero chegar de uma nova maneira a um conceito que sem dúvida tem raízes nos escritos de outros analistas.¹⁴ [tradução nossa] [grifos nossos] (Winnicott, 1971va, p. 191)

Dessa forma, Winnicott está querendo ressaltar que esses elementos se conjugam aos cuidados iniciais e, a partir das experiências do bebê com o ambiente (base empírica), fornecem os princípios para o estabelecimento da identidade. A identidade como uma construção *a posteriori* não pode ser pura porque está impregnada pela experiência e a história pessoal de cada indivíduo. Bem como os termos feminino e masculino também não se relacionam a qualquer definição *a priori* de elementos ligados à feminilidade e à masculinidade. Foram utilizados por Winnicott para designar características da relação com o ambiente, conforme será detalhado a seguir.

Segundo Winnicott,

14 The basis for this further comment was the separating out of the whole idea of boys and girls and of men and women from the idea of two basic principles, those which I call male and female elements. I suppose it is here that I cause confusion but I cannot withdraw at this stage of the argument, and I prefer to allow this half-way stage to stay. What I want to do is to explore further. I want to get right behind all the crossed-sex sophistications, cross-identifications, and even cross-expectations (where a baby or child can only contribute to a parent in terms of the other-than-biological sex), and I want to go where I find myself both drawn and driven. I want to reach in a new way a concept that no doubt has roots in the writings of other analysts.

O estudo do elemento feminino puro destilado e não contaminado nos leva ao SER, e isso forma a única base para a autodescoberta e um senso de existência (e depois para a capacidade de desenvolver um interior, de ser um recipiente, de ter capacidade de usar os mecanismos de projeção e introjeção e de se relacionar com o mundo em termos de introjeção e projeção).¹⁵ [tradução nossa] (Winnicott, 1971g, p. 111)

Nas etapas primordiais do desenvolvimento propostas por Winnicott há a prevalência da relação do bebê com a *mãe-ambiente*, aquela que se adapta absolutamente ao seu bebê e é “. . . a pessoa que afasta o imprevisível e que fornece ativamente cuidado em manuseio e na gestão geral” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI). Esse modo de se relacionar, inicialmente subjetivo, aponta para a inscrição do elemento feminino na constituição de todo indivíduo, sejam mulheres ou homens, postulando a ideia central da dependência inicial de todo ser humano ao ambiente, ao que é inaugural. Winnicott denomina esse elemento de feminino puro.

Ao postular o elemento feminino puro com essa semântica, Winnicott reforça a relação inicial com a mãe e presume-se que é por isso que a palavra *feminino* seja utilizada para qualificar esse aspecto.

Trata-se de uma identificação com o seio que lá está. O seio é ofertado e com ele é apresentada uma possibilidade de ser. O que leva Winnicott a afirmar que a experiência de ser é transmitida pela mãe. A mãe oferta a possibilidade de repousar no horizonte da existência. (Safra, 2009, p. 78)

A oferta da mãe a que Safra se refere liga-se aos aspectos empíricos, advindos da experiência com o ambiente, que se voltam ao *self* como a base para

15 The study of the pure distilled uncontaminated female element leads us to BEING, and this forms the only basis for self- discovery and a sense of existing (and then on to the capacity to develop an inside, to be a container, to have a capacity to use the mechanisms of projection and introjection and to relate to the world in terms of introjection and projection).

a constituição identitária. Isso porque a experiência de ser é anterior à unidade do sujeito psicológico, e volta a ser reforçada depois que o indivíduo reconhecido pessoalmente em uma unidade se apropria dessa experiência, podendo dizer EU SOU. A inscrição do elemento feminino puro viabiliza a conquista identitária saudável – seja o bebê um menino ou uma menina, sua experiência de ser e continuar sendo é o que mais importa.

A partir do momento que o bebê começa a distinguir uma realidade não-eu e adquire o status de unidade, a mãe não é mais apenas a mãe-ambiente, mas adquire o estatuto de *mãe-objeto*: “. . . a mãe como objeto, ou dona do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do bebê” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI).

Segundo Abram (1996), nesse momento a criança já reconhece que é uma pessoa inteira, que se relaciona com pessoas inteiras também e, assim, pode *fazer* coisas com o objeto que está se relacionando: amá-lo, odiá-lo, usá-lo, destruí-lo etc., sem que ele desapareça do seu mundo, fornecendo instrumentos para que sentimentos ambivalentes sejam assentados.

Ainda que nas etapas iniciais não haja a possibilidade de *uso do objeto total*, já é possível *fazer* coisas com o objeto que está se relacionando. Segundo Winnicott, “. . . o que o bebê faz no auge da tensão e o uso assim feito do objeto parece-me muito diferente do uso que o bebê faz da mãe como parte do ambiente total” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI).

Masud Khan (1975) explica a ambivalência na relação com a mãe na experiência total do bebê, antes da situação edípica:

Winnicott vê a capacidade de preocupação emergir antes que a situação triangular edípica se torne possível para a criança. Ele considera a capacidade de preocupação como “uma questão de saúde” e resultante de cuidados infantis suficientemente bons. Além disso, implica “um ego que começa a ser independente do ego auxiliar da mãe”. Nesse ponto, Winnicott introduz uma nova distinção importante na experiência total do bebê com a

“mãe-objeto” e com a “mãe-ambiente”. (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI)¹⁶

Assim, a conquista identitária saudável, viabilizada inicialmente pelo elemento feminino puro, é arrematada pela possibilidade de fazer, ou seja, agir com vitalidade e potência sentidas como próprias, inscritas a partir do elemento masculino puro e na relação com a mãe-objeto. Nesse campo semântico, o *masculino* está associado à capacidade do ambiente de suportar as excitações e tensões vindas do bebê.

*Nessa linguagem é a mãe-ambiente quem recebe tudo o que se pode chamar de **afeto e coexistência sensual**; é a mãe-objeto que se torna o **alvo da experiência excitada** apoiada por um **instinto-tensão implacável**. Minha tese é de que a preocupação surge na vida do bebê como uma experiência da mente altamente sofisticada a partir da união da mãe-objeto com a mãe-ambiente. (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVI)¹⁷*

Para Abram (1996) e Jemstedt (2019), o elemento masculino puro liga-se à capacidade de diferenciação que o ego do bebê adquire ao longo do desenvolvimento, enriquecendo a relação entre sujeito e objeto. Para Safra (2009), o masculino puro é, inicialmente, o próprio gesto do bebê em direção ao seio, criando a objetividade a partir da subjetividade (apercepção criativa do ser).

16 Winnicott sees the capacity for concern emergent before the Oedipal triangular situation becomes possible for the child. He considers the capacity for concern as “a matter of health”, and resultant from good- enough infant-care. It further implies “an ego that begins to be independent of the mother’s auxiliary ego”. At this point Winnicott introduces an important new distinction in the infant’s total experience of “the object-mother” and “the environment-mother”.

17 In this language it is the environment-mother who receives all that can be called affection and sensuous co-existence; it is the object-mother who becomes the target for excited experience backed by crude instinct-tension. It is my thesis that concern turns up in the baby’s life as a highly sophisticated experience in the coming-together in the infant’s mind of the object-mother and the environment-mother.

Posteriormente, a ambivalência da mãe e, na sequência, do pai, acentua e traz sofisticação aos elementos feminino e masculino puros, uma vez que a entrada do *pai* como elemento terceiro e pessoa inteira é consequência direta da relação dual com a mãe.

Assim, esses elementos são a *base identitária* para que o desenvolvimento da sexualidade seja assentado a partir das diferenças sexuais posteriores, presentes desde a fase fálica freudiana, em que se pode falar de meninos e meninas, do ponto de vista da própria criança¹⁸.

Segundo Winnicott, a presença confiável da mãe-ambiente “permite que o bebê se torne cada vez mais ousado na vivência dos impulsos do id; em outras palavras, libera a vida instintiva do bebê” (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVII). A culpa seria apenas decorrente de um estado deprimido, porque em situações saudáveis ela não é sentida:

Quando a confiança neste ciclo benigno e na expectativa de oportunidade é estabelecida, o sentimento de culpa em relação aos impulsos do id torna-se ainda mais modificado, e então precisamos de um termo mais positivo, como ‘preocupação’. O bebê agora está se tornando capaz de se preocupar, de assumir a responsabilidade por seus próprios impulsos instintivos e pelas funções que lhes pertencem. Isso fornece um dos elementos construtivos fundamentais para brincar e trabalhar. Mas no processo de desenvolvimento, foi a oportunidade de contribuir que permitiu que a preocupação estivesse dentro da capacidade da criança. (Winnicott, 1963b, citado por Khan, 1975, p. XXXXVII)¹⁹

-
- 18 Na leitura da obra de Winnicott é sempre importante lembrar que se trata de entender o desenvolvimento emocional pela ótica do bebê e da criança e não do observador. Após o parto ou para quem já deseja saber a partir de um tempo de gestação o sexo do bebê, o médico anuncia aos pais: “É menina!”. Essa declaração só atende às expectativas daqueles que esperam pela chegada da bebê-menina. Para ela, ao nascer, essa concepção não existe de maneira objetiva, apesar da presença de impulsos sexuais desde o início.
- 19 When confidence in this benign cycle and in the expectation of opportunity is established, the sense of guilt in relation to the id- drives becomes further modified, and we then need a more positive term, such as ‘concern’. The infant is now becoming able to be concerned, to take responsibility for his own instinctual impulses and the functions

A *base identitária* fornecida pelos elementos feminino e masculino puros está presente em todas as pessoas saudáveis porque a vida sempre exigirá que seja possível criar o seio e ser ele – elemento feminino puro; para, depois, a partir do elemento masculino, ter o impulso de ir até ele. Assim, o bebê *é* a partir da inscrição do elemento feminino puro e *faz* a partir da inscrição do elemento masculino puro, com o suporte da mãe-ambiente e da mãe-objeto.

Outro aspecto a ser ressaltado na compreensão do elemento feminino puro e do elemento masculino puro relaciona-se à base do *self* e da possibilidade de viver uma vida que pode ser vivida como própria ao indivíduo. Masud Khan, ao apresentar de maneira geral os conceitos de falso e verdadeiro *self* na obra de Winnicott, relembra uma citação do próprio autor:

*Um princípio pode ser enunciado: na área do falso self de nossa prática analítica, descobrimos que progredimos mais pelo reconhecimento da inexistência do paciente do que por um longo trabalho continuado com o paciente com base nos mecanismos de defesa do ego. O falso self do paciente pode colaborar indefinidamente com o analista na análise das defesas, estando, por assim dizer, do lado do analista no jogo. Este trabalho nada gratificante só é interrompido de forma lucrativa quando o analista pode apontar e especificar a ausência de alguma característica essencial: ‘Você não tem boca’, ‘Você ainda não começou a existir’, **‘Fisicamente você é um homem, mas você não sabe por experiência nada sobre masculinidade’**, e assim por diante. Esses reconhecimentos de fatos importantes, esclarecidos nos momentos certos, abrem o caminho para a comunicação com o Verdadeiro Self. Um paciente que teve muitas análises fúteis com base em um falso self, cooperando vigorosamente com um analista que pensava que isso era todo o seu self, disse-me: ‘A única vez que*

that belong to them. This provides one of the fundamental constructive elements of play and work. But in the developmental process, it was the opportunity to contribute that enabled concern to be within the child’s capacity.

senti esperança foi quando você me disse que eu poderia não ver esperança, e você continuou com a análise'. (Winnicott, 1965m, citado por Khan, 1975, pp. XV e XVI)²⁰

O que se quer destacar nessa citação é o que se refere ao caso B., descrito por Winnicott no livro *Holding e Interpretação (1986a), de um homem cuja experiência de ser homem não foi atingida²¹*. Nesse sentido, B. operava a partir de um falso *self* patológico, que não pôde integrar os elementos feminino e masculino à sua base identitária. Isso significa dizer que B. atuava ou fazia como se fosse homem, mas de fato não havia atingido o estatuto de ser homem, ou que o elemento masculino puro se impôs ao feminino puro, conforme descreve Dias (2003):

. . . é preciso que o bebê se encontre com o seio que 'é', isto é, com o seio de uma mãe com capacidade de ser, e não com um seio que 'faz'. O seio que 'faz' é um seio de 'elemento masculino puro' e não é satisfatório para a experiência inicial de identidade . . . (p. 210)

No caso B., a imposição do elemento masculino puro sobre o feminino, ou seja, a pressão pelo fazer, veio antes do ser, estando fora da área de

20 A principle might be enunciated, that in the False Self area of our analytic practice we find we make more headway by recognition of the patients non-existence than by a long-continued working with the patient on the basis of ego-defence mechanisms. The patient's False Self can collaborate indefinitely with the analyst in the analysis of defences, being so to speak on the analyst's side in the game. This unrewarding work is only cut short profitably when the analyst can point to and specify an absence of some essential feature: 'You have no mouth', 'You have not started to exist yet,' 'Physically you are a man, but you do not know from experience anything about masculinity', and so on. These recognitions of important fact, made clear at the right moments, pave the way for communication with the True Self. A patient who had had much futile analysis on the basis of a False Self, co-operating vigorously with an analyst who thought this was his whole self, said to me: 'The only time I felt hope was when you told me that you could see no hope, and you continued with the analysis.'

21 É o mesmo caso utilizado como base para a conceituação dos termos elemento feminino puro e elemento masculino puro, apresentado em diversos momentos por Winnicott nos textos citados, conforme nota 10 deste capítulo.

onipotência infantil de B., e contribuiu negativamente para a experiência de ser homem do paciente em questão.

Nesse sentido, parece existir uma hierarquia no processo de identidade, em que o elemento feminino puro se coloca como a base para o elemento masculino puro e os dois juntos formam a base identitária a posteriori.

Para Dias (2003), “Esta distinção entre ser e fazer é uma outra maneira de formular a diferença entre objeto subjetivo e objeto objetivamente percebido” (p. 209).

Para Safra (2009), esses elementos se relacionam, respectivamente, à constituição do *self*, ao processo de personalização, no qual esses elementos são elaborados por meio da elaboração imaginativa do corpo e, finalmente, na triangulação correspondente ao Édipo.

Dessa forma, pensando-se no caso de uma mulher, o mesmo se aplica, ou seja, perceber-se fisicamente ou agir como mulher não é suficiente para a experiência de ser mulher. Nesse sentido, o complexo de castração freudiano aplicado à mulher, que poderia apontar para complicações referentes à *falta de um elemento simbólico fálico*, atingindo a vivência de sua sexualidade, desloca-se para uma *falha ligada à experiência de ser mulher*, anterior à noção de falo ou mesmo da integração da sexualidade feminina na unidade do sujeito psicológico.

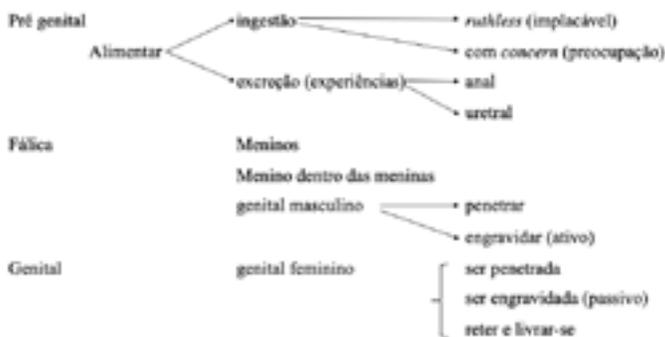
Assim, o elemento feminino puro é aquele não impregnado pelo conceito de mulher; é o feminino ligado ao ser, presente em todos os indivíduos e essencial para a base identitária. Relembrando a citação de parte do poema de Drummond, exposto no início do item “O processo de construção da identidade: o perfume característico do bulbo que desabrocha” deste capítulo: “Onde não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas improváveis”; se a *base identitária* não encontrar lugar ou assentamento, os frutos advindos da experiência com o mundo podem ser *negativamente improváveis* e se imporem de forma drástica como uma realidade não-*self*.

O estabelecimento da sexualidade feminina

Para Winnicott, as excitações instintuais são parte da vida do bebê desde o início²² e deslocam-se ao longo do processo de amadurecimento percorrendo as mais diversas partes do corpo: “[...] a boca, o ânus, o trato urinário, a pele, uma ou mais partes do aparelho genital masculino ou feminino, a mucosa nasal, o aparelho respiratório, a musculatura em geral, ou as axilas e virilhas, suscetíveis a cócegas” (Winnicott, 1988, p. 58).

Conforme o esquema abaixo organizado por Winnicott, verificamos que as excitações pré-genitais estão calcadas nas funções de ingestão (oral) e excreção (anal e uretral); as excitações fálicas estão centradas na presença do falo (genital masculino em evidência), marcando um divisor de águas entre meninos e meninas, dada a constatação anatômica de que apenas os meninos o possuem; e, finalmente, as excitações genitais, em que as fantasias estão fortemente relacionadas aos conceitos: feminino (ser penetrada, ser engravidada, reter e livrar-se); e masculino (penetrar e engravidar), conservando a tese da bissexualidade humana de Freud (1905d), que relaciona o feminino à passividade e o masculino à atividade.

Figura 1 – Quadro do desenvolvimento psicosssexual, segundo Winnicott



Fonte: Winnicott (1988, p. 61).

22 No item “O elemento feminino puro e o elemento masculino puro: a base identitária para a integração posterior da sexualidade” deste capítulo foi possível descrever a base identitária para que o desenvolvimento sexual, que será exposto agora, tenha ancoragem e possa ser integrado às experiências do bebê.

Nesse esquema, há também o reconhecimento da inveja do pênis como característica da feminilidade: na fase fálica, Winnicott apresenta como possibilidades ser menino e ter o genital masculino (falo) ou ter a ideia de um menino dentro de si, no caso das meninas.

No entanto, observam-se novos desenvolvimentos em relação a Freud: a ingestão está associada à preocupação e aos investimentos implacáveis da instintualidade²³ e há a indicação de um caminho particular da genitalidade para cada sexo: meninos já prontos em termos genitais na fase fálica e meninas retomando as experiências relacionadas à alimentação (ingestão e excreção) como suporte à elaboração imaginativa da vagina.

Dessa forma, a fase fálica já se configura como uma etapa genital para os meninos e o mesmo não ocorre para as meninas. Quando se fala em retorno às etapas pré-genitais, no caso das meninas, inclui-se a fase fálica e a inveja do pênis como um elemento adicional que se une às experiências de alimentação e excreção em curso desde o início. Para melhor compreensão deste tema, propomos a exposição em quatro etapas: a primeira relacionada às fases pré-genitais de alimentação e excreção, a segunda relacionada à fase pré-genital fálica feminina, a terceira ao Complexo de Édipo e a quarta à vivência da genitalidade feminina.

23 Segundo Roudinesco e Plon (1998), em Freud, há a dualidade pulsional, pulsão de vida e de morte, estando esta última a serviço da destrutividade; em Melanie Klein, há o entendimento de que o dualismo pulsional esteja presente desde a origem, na relação do bebê com o seio, “tanto na vertente do objeto quanto do organismo” (p. 632). Para a autora, o senso de culpa advindo dos ataques feitos ao corpo da mãe são a base do superego. As formulações sobre os ataques destrutivos dirigidos à mãe são o ponto de ligação de Klein a Freud a partir do conceito de pulsão de morte (Klein, 1927). Porém, para Winnicott não seria possível falar de agressividade nesse momento do desenvolvimento emocional em que o que está em jogo é o impulso amoroso primitivo promovido pela vida instintual e não os elementos destrutivos ligados à pulsão de morte. Segundo o autor, “A culpa pelos impulsos amorosos primitivos representa uma conquista do desenvolvimento; ela é grande demais para ser suportada pelo bebê a não ser através de um processo gradual que se segue ao estabelecimento do círculo benigno . . .” (Winnicott, 1988, p. 99). Assim, em Klein, os ataques ao corpo da mãe a partir da agressividade geram culpa; em Winnicott, a vida instintual implacável a partir do o impulso amoroso primitivo e da sobrevivência da mãe gera preocupação.

Retorno às etapas pré-genitais de alimentação e excreção: o início da elaboração imaginativa da vagina

Segundo Winnicott, a elaboração imaginativa da vagina e a inscrição da feminilidade estão diretamente relacionadas ao retorno às fases pré-genitais em relação às funções de alimentação e excreção, bem como às características da relação da menina com a mãe.

Nas meninas, as funções de ingerir e excretar se converterão na capacidade posterior de reter e livrar-se de um bebê por meio do nascimento. A própria ideia de possuir uma vagina (com uma abertura, assim como a boca e o ânus) é de maior apreensão concreta pela menina do que pelo menino, que, apesar de suas experiências pré-genitais orais e anais, não possui essa abertura em seu órgão genital.

Winnicott, assim como Melanie Klein (1927), Karen Horney (1933) e Helene Deutsch (1924)²⁴, reconhece que desde muito cedo a vagina “torna-se ativa e excitável no momento da amamentação e das experiências anais”, sendo que “o funcionamento genital feminino verdadeiro tende a *permanecer oculto* ou até *mesmo secreto*” (p. 64)

A partir da elaboração imaginativa da vagina e da inscrição de sua função ligada à cena sexual e à possibilidade de reter e livrar-se de um bebê, a menina apreende a ideia de que maternidade e feminilidade caminham juntas e ela rapidamente (na saúde) passa a entender sua função de complementaridade (e não falta) em relação ao menino, sua capacidade única de engravidar e ter filhos e sua capacidade para amamentar (equivalente à potência sexual do homem), e tudo isso a partir das experiências iniciais com a mãe.

Nesse sentido, Winnicott está dizendo que, independentemente de uma mulher decidir se tornar mãe ou não, o percurso para o estabelecimento de sua sexualidade, que compreende a elaboração imaginativa das funções orais

24 Faz-se uma ressalva de que, apesar do reconhecimento da vagina, Helene Deutsch esteve mais ligada às ideias da escola de Viena e via na vagina um análogo ao próprio ego da mulher, que sempre assumirá uma posição passiva frente aos homens (será penetrada na relação sexual) para que seja possível atingir a função de ser mãe, o ápice do feminino em sua concepção.

e anais inicialmente e posteriormente de sua genitalidade, é o caminho a ser percorrido por todas as mulheres saudáveis (inclusive as que decidem que não serão mães).

As experiências da etapa pré-genital fálica: a inveja do pênis e a existência do macho dentro da menina

Winnicott resume o percurso feminino a partir da fase fálica até a genital da seguinte forma:

Eu tenho um pênis. É claro que vai me crescer um pênis. Eu tive um pênis, estou traumatizada (castigo pela excitação). Posso usar um pênis por procuração, algum macho pode agir por mim. Vou deixar o macho me usar. Desta forma terei um defeito corrigido, mas terei de reconhecer que dependo do macho para estar completa. Desta forma descubro minha genitalidade verdadeira (Winnicott, 1988, p. 63)

Nesse trecho, Winnicott está apontando na direção de Freud, colocando o macho como referência em meninos e meninas e, neste sentido, entende que o estabelecimento da sexualidade feminina é “um caminho mal pavimentado” porque abre para a “oportunidade do desenvolvimento em termos homossexuais” (1988, p. 63).

Adicionalmente, menciona a frustração da menina ao presenciar o exibicionismo dos meninos, fazendo com que se sinta inferior – poderá encontrar em seu corpo inteiro uma “correção” para sua inferioridade, bem como poderá encontrar em sua boneca mais um falo do que um bebê. Nesse momento, Winnicott também reforça as ideias já levantadas por Freud (1905d, 1924d) e por alguns pós-freudianos (Ophuijsen, 1917; Stårcke, 1920; Abraham, 1922) em relação às ideias de inferioridade genital presentes na inveja do pênis.

Apesar do alinhamento de Winnicott às ideias freudianas sobre a bissexualidade e a inveja do pênis, o autor relembra que é preciso avançar no que havia sido postulado em relação à mulher ser *sempre* um macho castrado. Para ele, o reconhecimento da inveja do pênis é essencial, mas não o suficiente para explicar como a menina atinge a categoria *mulher*, sendo necessário entender o que ele chamou de “posição depressiva no desenvolvimento emocional”, que diz respeito às fantasias da menina em relação ao próprio corpo e ao corpo da mãe.

Adicionalmente, verifica-se que o autor destaca a identificação e a rivalidade com a mãe, intensificadas no Complexo de Édipo feminino. Porém, diferentemente de Klein, que aborda a rivalidade com ênfase aos ataques ao corpo da mãe nas etapas primitivas do desenvolvimento (a partir da posição esquizo-paranoide), Winnicott os localiza no campo das fantasias²⁵, em um momento posterior, no estágio de concernimento (o que seria o correlato à posição depressiva de Klein, com algumas modificações), quando o bebê já apresenta a capacidade de lidar com a ambivalência da mãe a partir da instalação do ciclo benigno.

Apenas esclarecendo, em termo gerais, na teoria de Klein, a ideia da ambivalência da mãe difere da proposta por Winnicott: em Klein, a posição depressiva refere-se à possibilidade de estabelecer uma relação ambivalente com um objeto total (a mãe), que pode ser ao mesmo tempo boa e má, diferente da posição esquizo-paranoide, em que há prevalência de relações com objetos parciais – a mãe ou é boa ou é má; em Winnicott, como vimos, a ambivalência se dá inicialmente a partir da relação estabelecida com a mãe-ambiente e com a mãe-objeto, determinando o que Winnicott chamou de ciclo benigno. Assim, para Klein a mãe já é objeto²⁶ desde o início (mesmo que parcial) e para Winnicott a mãe é, antes de tudo, ambiente, para apenas posteriormente tornar-se objeto (objetivamente percebido).

25 Segundo a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, a possibilidade de fantasiar faz parte do campo representacional e simbólico, uma conquista no desenvolvimento que não está acessível a um bebê recém-nascido.

26 Objeto parcial que se coloca fora da área de onipotência do bebê, já compreendendo a ideia de mundo interno e mundo externo.

Para Winnicott (1986b), a fixação na ideia da inveja do pênis mostra-se um problema para homens e mulheres, quando se cria a ilusão em massa de que o falo posicionaria sempre os homens acima das mulheres, tornando-os poderosos e as mulheres, inferiores. Na sua concepção, as ideias feministas de sua época (anos 60/70) enfatizam essa condição e não entendem o desenvolvimento genital feminino de maneira mais ampla, com suas especificidades.

O Complexo de Édipo feminino e a preparação para a genitalidade

Sobre a questão edípica, Winnicott dá preferência por chamá-la de relação de três corpos, evidenciando que, para que ocorra, é preciso que existam três pessoas inteiras em relação, não apenas para o observador, mas especialmente para a própria criança – e não entre duas pessoas inteiras e um terceiro objeto parcial internalizado²⁷.

Para Winnicott, são relativamente evidentes as diferenças relacionadas às fantasias existentes nas fases fálica e genital. Na primeira, as relações triangulares tornam-se o expoente a partir do exibicionismo do falo por meio da ereção (no menino) e de ter um macho dentro de si (na menina) contribuindo para a fantasia de ser potente e poder penetrar a pessoa amada (a mãe), exercendo função atuante na disputa triangular tendo o pai como rival. Na fase genital, tanto o menino quanto a menina têm que inicialmente lidar com a impossibilidade de concretizar essa fantasia devido à crescente angústia de castração (que é preponderante nos meninos).

Dessa forma, a criança retira-se da cena primária ao descobrir que representa o terceiro elemento em uma relação já previamente estabelecida entre o pai e a mãe. “A cena primária (os pais sexualmente juntos) é a base da estabilidade do indivíduo, por permitir que exista o sonho de tomar o lugar de um dos pais” (Winnicott, 1988, p. 77). Portanto, dar-se conta de que quem

27 Neste trecho, há rastros de uma crítica em relação à formulação kleiniana de Complexo de Édipo arcaico.

chegou por último é ela (a criança) e não o genitor rival seria a resolução satisfatória das relações triangulares, até que, após um período de latência, a potência sexual adormecida é retomada na adolescência com a possibilidade fisiológica (fertilidade) e real de atingir a genitalidade de forma plena.

Nesse sentido, Winnicott diz que “O medo à castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem vinda para a angústia da impotência” (Winnicott, 1988, p. 62), ou seja, a impossibilidade do menino de concretizar a cena erótica com a mãe, e da menina, com o pai, é melhor acomodada quando se dão conta que essa impossibilidade é determinada pela presença de um rival que já o fez e não porque seja impotente.

É nesse sentido que Winnicott diz que tanto a menina quanto o menino desenvolvem aspectos homossexuais com o rival da cena primária e dessa forma encontram uma solução menos angustiante para suas fantasias, com a possibilidade de vivê-las por procuração – o pai (ou a mãe) pode concretizar as fantasias sexuais da criança agora, ocupando seu lugar, para que mais tarde a criança possa fazer uso dessa potência internalizada com outros objetos sexuais. Esse aspecto homossexual não é sinônimo de homossexualidade a posteriori na fase genital e sim uma característica referente à capacidade de identificar-se com o genitor rival – existe um fascínio pelo rival por querer ser como ele e ter a mesma possibilidade de estabelecer futuramente uma relação afetivo-sexual satisfatória. A criança, desta forma, percebe que é filho (ou filha), fruto de uma relação entre seu pai e sua mãe, e na saúde tenderá a repetir essa configuração.

No caso das meninas, Winnicott se indaga do valor da denominação Complexo de Electra (em diálogo com Jung) com a seguinte pergunta:

Ele é apresentado para ilustrar a sexualidade feminina que se desenvolve num estilo masculino, com a inveja do pênis e o complexo de castração como termos centrais, ou para descrever aquela que se desenvolve mais diretamente a partir da identificação e da rivalidade com a mãe e da elaboração imaginativa da função do órgão genital especificamente feminino? (Winnicott, 1988, p. 67)

Apesar de algumas convergências com o pensamento de Freud, esse questionamento do autor, bem como os comentários que faz posteriormente no mesmo texto, expressam seu entendimento de que o percurso da sexualidade é específico para cada sexo, havendo um caminho positivamente feminino no Complexo de Édipo (mesmo que seja invertido), com suas idiossincrasias.

Assim, as questões com a feminilidade em uma menina podem despontar no Édipo (e não serem causadas por ele necessariamente), em que os conflitos gerados pela triangulação são um termômetro indicando quão bem pavimentado foi o caminho até então. É preciso poder identificar o pênis como algo preponderante e invejá-lo para depois reconhecê-lo como não-feminino e assim retomar o percurso que leva à vagina, reencontrando o caminho em direção à feminilidade.

Nessa passagem, a vivência da sexualidade feminina é possível se a mãe permite que a menina se identifique com ela (com que o que há dentro do corpo dela e que um dia estará dentro do corpo da própria menina), a veja como rival (aquela que suporta suas fantasias e ataques) e, na sequência, entenda que o pai é da mãe, livrando-a para a vivência de sua potência sexual na fase genital.

Porém, se sabemos que o ciclo benigno vivido entre bebê e ambiente é um marco na possibilidade de viver as excitações sexuais como próprias, pode-se supor que a virada entre a inveja do pênis (aspecto negativo em ser mulher) e o reencontro com a vagina (aspecto positivo em ser mulher) devem ser muito prejudicados quando uma menina encontra na cena edípica uma mãe com a qual ainda estabelece relações parciais (em termos kleinianos) ou que não sobrevive aos impulsos da instintualidade e das relações de amor e ódio.

Para ilustrar este tema, serão apresentadas duas vinhetas clínicas de pacientes que apresentam questões neste ponto: serão chamadas de Joana e Jussara, respectivamente.

Joana desde muito cedo foi induzida por seus pais a ser a boa menina: comportada e educada. Já seu irmão, podia tudo: corria livre pela rua, brincava do que queria e não tinha um bom rendimento escolar. Sua mãe, estilista de moda, sempre a repreendia por estar fora do peso – Joana puxou à família do pai, cujos membros sofriam com a obesidade. A questão com o corpo se tornou

um martírio para Joana, principalmente na adolescência: fez regimes radicais e se privou de muita coisa para ser aceita pela mãe. Não conseguiu. Na fase de vestibular, prestou para economia e passou (a mesma profissão do pai). Na faculdade, encontrou mais homens que mulheres e passou a admirá-los cada vez mais, ao mesmo tempo em que seu retraimento em relação ao corpo foi aumentando. Queria ser como eles e não desejada por eles. Em análise, chegou à conclusão que passou um bom tempo de sua vida achando que ser homem era bem melhor.

Jussara é uma mulher muito vaidosa e bonita. Por estas características, sempre foi vista pelo pai como a filha preferida. Porém, sua mãe sempre a tratou de maneira distante: não havia demonstrações afetuosas de carinho como abraços ou palavras ternas, mas ficava subentendido que algum cuidado havia. Sua mãe se preocupava com as tarefas e com os aspectos práticos da maternidade: fornecia refeições no horário, levava na escola, repreendia atitudes erradas, fornecia estrutura financeira. Desde criança Jussara sentia que sua presença física despertava reações em sua mãe que perduram até hoje: quando alguém diz que Jussara é bonita, a mãe retruca dizendo que um dia ela vai ficar feia e velha; quando Jussara muda-se para uma casa maior, a mãe a visita e faz comentários de depreciação da casa. A estas atitudes, alternam-se comportamentos amigáveis da mãe, principalmente pelo telefone. Mas, se o convívio aumenta, sua mãe passa a criticá-la com frequência, principalmente em situações em que Jussara mostra emancipação em relação a ela. Em análise, Jussara se dá conta que tem medo das mulheres e facilidade em lidar com homens, vistos como mais confiáveis. Por vezes, refere-se a si mesma dizendo que precisa domar o leão que existe dentro dela e não a leoa.

Apesar de não ser a pretensão fazer uma análise detalhada sobre os dois casos clínicos, com essas vinhetas, percebe-se que a inveja do pênis pode se tornar um importante obstáculo a ser vencido a depender de inúmeros fatores, destacando-se as relações iniciais com a mãe, que trazem elementos residuais para a inscrição da feminilidade. Joana tenta apagar sua feminilidade (e como consequência a si mesma) ao se adequar ao mundo dos homens e ser como eles, porque não tem o corpo adequado para ser mulher – está fora de forma. Jussara nunca chega à altura das exigências da mãe e a feminilidade a

amedronta. Permanece em um vínculo tantalizante²⁸ com a mãe. Ambas apresentam aspectos femininos e masculinos cindidos.

Dessa forma, a partir das ideias de Winnicott e das análises apresentadas neste trabalho, pode-se dizer que a sexualidade feminina não é redutível ao Complexo de Édipo e à inveja do pênis e, como vimos, já está em curso desde os estágios iniciais de desenvolvimento.

A vivência da genitalidade feminina

Com a integração das forças instintuais possibilitada pela resolução dos conflitos edípicos, há, na seqüência, a fase de latência, em que essas forças ficam adormecidas para serem retomadas na adolescência. Conforme já apresentado anteriormente, na adolescência as forças instintuais, que na fase edípica foram vividas na fantasia de possuir o genitor (pai ou mãe) na cena amorosa, são retomadas em forma de potência sexual, já que agora, com os desenvolvimentos biológicos, é possível de fato ter força física para machucar, matar ou mesmo copular e engravidar.

Se antes a criança podia odiar e amar seus pais e ter fantasias a respeito disso tendo-os como referência, agora irá revisitar as vivências familiares para matar simbolicamente seus pais da infância e ocupar o lugar de substituto ou substituta de seu papel na vida adulta. Não será preciso mais viver as fantasias sexuais por procuração, mas pela criação e apropriação de um lugar no mundo que receba a potência sexual em curso.

No caso da menina, as experiências de amor e ódio vividas com a mãe na fase de concernimento serão retomadas e o tornar-se mulher será também a partir da identificação e da rivalidade com a mãe. Nesse momento da vida, ser como a mãe e as outras mulheres é ter a capacidade real de engravidar. Pela relação com elas, acontece a elaboração imaginativa dessas novas funções

28 Este termo foi cunhado por David E. Zimmerman e se refere às relações que são caracterizadas por domínio, apoderamento e sedução. Nessa estrutura, há uma paralisação no desenvolvimento da relação de forma que o dominado parece estar sempre prestes a obter o amor do outro, mas ele sempre o escapa. É com frequência observado nas relações amorosas, mas aplica-se também à relação entre pais e filhos, como o observado em Jussara.

corporais ligadas à maternidade e, portanto, aspectos ligados à feminilidade e as relações de cuidado são intensificados. Nessa fase, dependendo de como foram as relações iniciais com a mãe, a rivalidade pode ser preponderante e impeditiva para a conquista da feminilidade, incutindo em problemas com a elaboração imaginativa de partes do corpo feminino ou mesmo em persecutoriedade em relação à possibilidade de ser mulher.

Assim, é lançada a ideia da feminilidade que é transmitida pela mãe à menina. Para além das questões corporais mencionadas, nessa passagem geracional, a transmissão da noção de cuidar e ser cuidada é permitida pela existência permanente de um trio de mulheres, conforme propõe Winnicott: a bebê-menina, a mulher-mãe (noiva de véu e grinalda) e a mãe da mãe (uma mulher idosa). Ou seja, a mulher cuida de seu bebê (e das pessoas em geral) da mesma forma como foi cuidada por sua mãe, de modo que a avó e a bebê-menina possam se encontrar na arena constituinte dos cuidados²⁹. E o mesmo não ocorreria com os meninos, que não entrariam na linhagem de cuidados e seriam sempre unos.

Por outro lado, Winnicott aponta que a feminilidade é fundamental também nos meninos, sendo balizada por influências hereditárias, ambientais e culturais mais amplas, havendo duas formas de identificação do menino com a mulher: quanto à sua genitalidade e quanto ao seu papel de mãe. A identificação com o papel de mãe, segundo o autor, é mais tolerável e mais aceita socialmente porque está mais ligada à fantasia, enquanto a referente à genitalidade, mais ligada às funções corporais e assim mais problemática. Em nota de rodapé definida como “nota para revisão”, Winnicott menciona o problema do deslocamento, no menino, do erotismo oral para o ânus no que ele chamou de homossexualidade manifesta, diferente da “homossexualidade normal”, em que esta passagem ocorreria de maneira natural, seguindo depois para as etapas genitais (fálica e genital propriamente dita).

Do ponto de vista da identificação com a mãe, ainda há outros fatores que compõem a trama da feminilidade: a comunicação e a capacidade de

29 Apesar desta menção estar presente apenas em nota de rodapé no livro *Natureza Humana*, a transmissão geracional de mãe para filha apontada pelo autor parece reforçar a possibilidade de acesso à feminilidade.

identificação cruzada. Esses dois aspectos levam em conta a não invasão, por parte da mãe, do espaço vivencial da menina e a possibilidade da mãe também se identificar com a filha. Isso porque a própria elaboração imaginativa da vagina (órgão interno) e a capacidade de engravidar (guardar um bebê dentro de si) são importantes para a vivência do mundo interno da menina assim como manter sua vida pessoal em segredo, sem sofrer invasões constantes da mãe. Se isso é possível, a adolescente conquista confiança a partir da vivência de sua feminilidade e sente que carrega dentro de si coisas boas que podem ser acessadas sem a sensação de ter sido violada.

Em temas de identificação cruzada, além da identificação com outras mulheres, há a identificação com os meninos, importante para que as questões ligadas à bissexualidade identitária sejam acomodadas. É preciso que a menina possa integrar em sua personalidade os aspectos masculinos a partir da ideia de que os meninos poderão por sua natureza viver por ela esses aspectos, pelo simples fato de serem homens. De outro modo, a adolescente pode usar o homem para que sua feminilidade siga em curso e a relação sexual é um dos meios para isso (não apenas). Quando ela usa os homens ela se livra da possibilidade de tornar-se um deles e não precisa viver os elementos masculinos de maneira cindida.

Dessa forma, as relações amorosas apenas se estabelecem de maneira madura se cada integrante do casal em questão, independente da orientação sexual, puder usar o outro nesse sentido específico, compondo uma dupla-identificação, diferente da disputa de poder (fixação fálica). Essa seria a feminilidade madura, vivida na vida adulta.

Considerações finais

A forma como Winnicott descreveu as modalidades de relação com o ambiente ampliou o entendimento da clínica para além de fases psicosssexuais, como descreveu Freud, ou mesmo da dinâmica das posições esquizo-paranoide e depressiva, propostas por Klein, fornecendo elementos mais amplos para entender o que poderia ser descrito pela sentença: “Eu sou mulher”.

Nesse cenário, a base identitária pessoal é consequência da integração do elemento feminino puro ao masculino puro, culminando na possibilidade de estabelecer uma relação de ambivalência com a mãe como pessoal total, a partir da mãe-ambiente e da mãe-objeto. São essas experiências relacionais a base das relações duais (bebê e objeto) e das relações entre três corpos descritas no Complexo de Édipo (criança e objetos – três pessoas inteiras).

Na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott não há desmerecimento da sexualidade; ela é tangenciada pelas relações primordiais do bebê com o ambiente e incorporada na dinâmica psíquica, quando a mãe se torna objeto. Nota-se, inclusive, que, ao descrever as etapas pré-genitais e genitais para tratar do tema da sexualidade, Winnicott retoma desenvolvimentos já feitos por Freud, recorrendo à tese da bissexualidade freudiana, em que a posição de atividade está para o masculino assim como a passividade está para o feminino, além de inspirar-se nos desenvolvimentos feitos por seus antecessores da escola de Londres em relação às fases oral e fálica.

Finalmente, a partir do que postulou Winnicott em complemento a desenvolvimentos já em curso na psicanálise, para compreender a complexa trama da identidade feminina é preciso entender todos os tipos de dependência vividos ao longo da vida, que forneceriam a base para o assentamento identitário e para a posterior integração da sexualidade feminina, desenvolvida diretamente a partir da identificação e da rivalidade com a mãe e da elaboração imaginativa da função do órgão genital especificamente feminino, a vagina.

A partir dos escritos de Winnicott e de desenvolvimentos próprios deste trabalho, verifica-se que a inveja do pênis, quando aparece como aspecto norteador da construção do *ser mulher*, está relacionada à impossibilidade de viver uma relação ambivalente com a mãe, que assim expulsa a menina do campo da feminilidade, tornando-o distante e, por vezes, inacessível. A inveja do seio é, assim, anterior à inveja do pênis.

Esse distanciamento pode ser ainda mais determinante na adolescência, momento em que a potência sexual entra em curso e outras questões ligadas ao corpo da mulher são elaboradas, tendo como elemento principal a possibilidade de engravidar.

Nessa difícil trama, a identificação e rivalidade com a mãe ganham novos significados, de forma que a vivência da feminilidade dependerá do quanto a mãe também se identifica com sua filha e permite que seu mundo interno não seja violado, respeitando suas descobertas em relação a si mesma e ao próprio corpo.

Como vimos, nos casos clínicos apresentados não há homossexualidade, mas uma cisão entre os aspectos femininos e masculinos a partir da falta de uma relação de intimidade com a mãe. Esse distanciamento trouxe complicações na elaboração imaginativa das funções corporais ligadas à feminilidade, bem como à visão sobre a posição que a mulher ocupa na cultura, dificultando a identificação cruzada com os homens.

